PREFÁCIO

Regina Célia Baptista Belluzzo
Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Em tempos de excesso de informação, a desinformação se tornou uma das principais ameaças ao debate público, à ciência e à democracia. Este volume nasce da urgência de compreender como narrativas falsas, distorcidas ou enganosas ganham força em ambientes digitais e moldam percepções, escolhas e comportamentos. Ressaltamos que a Rede de Estudos da Ciência da Informação em Desinformação (Recides) é uma iniciativa de pesquisadores brasileiros do campo da CI, que se caracterizam por apresentarem perfis de formação diversos, decorrendo com isso o caráter interdisciplinar dessa rede, porém, conservando a prevalência de concepção geral sobre a informação e sua importância na sociedade contemporânea.

É preciso esclarecer, ainda, que essa coletânea, que ora se apresenta, busca agregar conhecimento e unir diferentes pesquisas na construção de uma resistência à desinformação, infodemia e seus múltiplos desdobramentos, sem desconsiderar os diversos olhares para este fenômeno. Desse modo, salientamos que a desinformação é considerada como um sistema, um conjunto de práticas, que constrói cenários determinados, sendo informação que envolve descontextualização, fragmentação, manipulação, que é retirada de sua historicidade, é tendenciosa, que apaga, distorce, subtrai, rotula ou confunde. Não é necessariamente falsa, muitas vezes se faz de partes de verdades, ou verdades distorcidas.

Estamos em um momento de mudança, mas não uma mudança simples e sim, uma mudança que nos parece radical. Como estamos imersos nessa mudança, temos dificuldade para entendê-la, para compreendê-la, para visualizar, para olhar melhor o que de fato está ocorrendo. Em outros momentos de

transformações históricas, os que a vivenciaram diretamente encontraram dificuldades em analisá-la, pois não havia parâmetros anteriores nos quais os analistas pudessem se ancorar. Os fenômenos, as situações estão ocorrendo e temos apenas o que já passou para utilizarmos como base para a compreensão deste presente, nos mesmos moldes enfrentados pelos que vivenciaram situações semelhantes. O distanciamento temporal, nesse caso, é quase imprescindível.

Sendo assim, parece-nos que precisamos rediscutir os nossos conceitos de informação, talvez incluir uma outra visão dela, talvez pensar numa pós-informação numa informação que não mais siga aqueles parâmetros que identificamos até agora, que nós entendemos como paradigmas e que embasaram e deram sustentos para nossas análises e reflexões sobre estudos de informação. Parece-nos que a informação, hoje, vai ter que ser entendida a partir de um novo conceito, de uma nova abordagem. Reafirmando: assim como nós estamos lidando com uma pós-verdade, então, talvez, tenhamos que lidar com a pós-informação, uma informação que se faz diferente de tudo o que entendíamos sobre ela.

A mudança a que nos referimos está relacionada com as novas concepções e entendimentos da desinformação, da *Fake News*, da *misinformação*, da pós-verdade, da infodemia. Incluímos aqui, até para entendimento do que vem a seguir, a contrainformação.

Temos uma outra e diferente forma de ler, abrangendo não só o texto escrito e a imagem fixa, como também a imagem em movimento e o som. Isso foi possibilitado pela virtualidade que abrange os quatro grandes segmentos da multimídia. A possibilidade de releitura dá-se, no âmbito do texto escrito, no material livro, por exemplo, como também nas imagens em movimento, nos filmes através do recurso de retorno ao que foi visto anteriormente. Podemos também visualizar uma imagem em uma velocidade maior, o vídeo é reproduzido em velocidades diferentes da que foi originalmente gravado. O mesmo ocorre com

o som. As crianças já se habituaram com essas concepções de tempo e lugar diferenciados do que vivenciamos até hoje. As informações estão disponíveis para serem acessadas quando necessário ou desejada pelo sujeito. A informação pode e sofre interferências em todo o seu "ciclo de vida" (lembrando que a morte da informação não se dá quando apropriada pelo sujeito, mas fica ela adormecida, latente e continua a criar conflitos em quem a interiorizou).

Assim, a informação não é, mas se constrói em todos os ambientes e sujeitos mediadores. O produtor da informação continua sendo o mesmo, mas, hoje, essa produção pode se valer de trechos de outras falas e informações produzidas em vários momentos, sem, no entanto, trazer algo novo além da junção dessas informações. Claro que tal junção de informações cria uma nova informação, mas isso deve estar exposto de maneira visível, pois há uma compilação deliberada e as fontes devem ser explicitadas. O ChatGPT, por exemplo, faz essa compilação e, apesar de uma informação nova, o uso das fontes não é explicitado de forma a deixar claro quais foram utilizadas. O conceito de autoria, dentro dessas ações, não é o mesmo do que aceitamos e compreendemos hoje.

Apesar de termos como desinformação e contrainformação serem empregados há muito, seus conceitos foram se modificando até os empregados atualmente, conceitos que atendem a estruturas informacionais, a regimes de informação diferenciados, a novas formas de mediação da informação. As tecnologias que dão concretude ao acesso à informação, que viabilizam a recuperação da informação (termo que também precisa ser repensado parar atender às mudanças estruturais da sociedade) exigem olhares cuja existência era impossível em tempos anteriores.

As discussões sobre os termos objeto de análise neste livro não podem prescindir de um repensar do conceito de informação, o que é necessário e possível considerando a característica de polissemia que a palavra informação carrega em sua concepção.

A informação não pode ser pensada sozinha, ela se espraia e vai recebendo significados diferentes nos vários locais e espaços em que circula. Ela pode ser considerada única quando exteriorizada por quem a produz, embora a constituição dela se faz a partir de vários entendimentos. A produção de uma informação se dá na relação do sujeito com o seu conhecimento construído e o exterior dele, ou seja, a natureza, a cultura e os outros seres humanos. No entanto, após veiculada, ela deixa de ser única e vai interagindo e, como dito, recebendo significados nos vários ambientes e com vários personagens que podem chegar a alterar a concepção inicial do sujeito que a construiu.

A informação não pode prescindir do ambiente em que é construída, pois o ambiente interfere no conteúdo, na forma e no tempo em que é ela estruturada. A leitura rápida, o texto curto, o tempo diminuto para a leitura, itens que fazem parte do tempo de hoje, vão determinar ou, ao menos, interferir na base e na forma da informação exteriorizada.

A informação, assim, deve ser pensada e, talvez, entendida como "pós-informação ". Uma informação que é informação em construção, mas que se mescla com seu oposto, a contrainformação. Ela traz em seu bojo, a sua antítese e, esta, vive latente na informação, se sobressai dela em muitos momentos. Ela pode estar se contradizendo. Mas, é importante destacar que a contrainformação não deve ser vista apenas em seu aspecto pejorativo, fruto das análises e discussões oriundas de seu emprego nas guerras. Ela pode e deve ser entendida como forma, como maneira, como instância de resistência.

Talvez a discussão de um novo conceito de informação, uma pós-informação, deva considerá-la a partir de uma concepção híbrida, ou seja, informação e desinformação coexistindo, existindo ao mesmo tempo, quase como um amálgama.

O presente livro pretende abrir espaços para a discussão desses temas, objetivando trazer olhares e entendimentos que possam contribuir com os estudos sobre eles.

Foram aqui reunidas diferentes vozes da Ciência da Informação e da Comunicação — pesquisadores, comunicadores, educadores — que, de perspectivas variadas, buscam compreender e enfrentar os mecanismos da desinformação. Cada capítulo lança luz sobre aspectos distintos do fenômeno: das *Fake News* à *deepfake*, do papel das plataformas digitais ao desafio da alfabetização midiática, com um único objetivo: combater a desinformação e colaborar com o acesso e compreensão das informações confiáveis.

A coletânea encontra-se estruturada em sete Capítulos. O **Capítulo 1**, de autoria de Gabriela Belmont de Farias; Anna Cristina Brisola; Djuli Machado de Lucca e José Claudio Matos, se intitula "**Rede de Estudos em Ciência da Informação sobre Desinformação: história e fundamentos**". Trata-se de pesquisa bibliográfica somada a um relato de experiência realizado com o apoio da memória intelectual dos dados dos grupos de pesquisas membros da rede, inseridos no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (DGP/CNPq) e Lattes dos membros. Os resultados demonstram que os membros do grupo têm atuado fortemente com publicações científicas em periódicos considerados de qualidade, bem como promovido ações extensionistas e de pesquisa sobre o tema, de impacto para a sociedade. Conclui-se que o papel de uma rede de pesquisa concentra-se em oportunizar o suporte necessário para o crescimento acadêmico e intelectual dos membros que o integram, procurando também beneficiar a sociedade em geral. Sua principal contribuição é apresentar uma visão teórica sobre a temática desinformação na perspectiva da área da Ciência da Informação e a trajetória da criação da Rede de Estudos da Ciência da Informação em Desinformação.

O **Capítulo 2** denomina-se como "**Enfrentamento à desinformação a partir da promoção de competências**", escrito por Djuli Machado de Lucca, Anna Cristina Brisola, Jussara Borges e Gabriela Belmont de Farias. A partir da compreensão da necessidade de unir forças e habilidades a fim de propagar

possibilidades de resistência e combate à desinformação, esses autores consideram, em uma perspectiva da Ciência da Informação, de maneira teórica, as potencialidades do desenvolvimento concomitante de quatro dimensões das competências - competência em informação, competência crítica da informação, competência midiática e competências infocomunicacionais, destacando seu foco e pesquisas em atributos, fenômenos e relações com a informação que se assemelham e distinguem. A partir de visões de diferentes ações educativas voltadas ao combate e resistência à educação, sinalizam para o entendimento de que a articulação conceitual e a soma da prática destas dimensões constituem férteis e promissoras situações, fortalecendo relações mais críticas e qualificadas com a informação e a desinformação.

No que diz respeito ao **Capítulo 3**, desde o título "**Desinformação, distopia e a supressão da liberdade**: **uma reflexão a partir do *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley**" é bem sugestivo e tem como autor **José Claudio Matos**. Apresenta discussão sobre a relação entre a liberdade e a desinformação, tendo sido escolhida como referencial uma abordagem filosófica, a partir da análise da obra "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley. Com criatividade, procura explicitar aspectos da teoria moderna sobre a liberdade, que evidenciam sua relação com a informação e a desinformação, partindo da hipótese de que as estratégias de desinformação se beneficiam de uma falácia acerca da suposta "liberdade de expressão", que revela uma tentativa de supressão da liberdade. Além disso, descreve o cenário ficcional da distopia proposta por Huxley, para ilustrar e contextualizar o condicionamento, o controle social e o ataque ao conhecimento científico. Em seguida, revela a conexão entre a propagação do discurso desinformativo e a tentativa de suprimir a liberdade de escolha, concluindo que o reconhecimento de uma teoria construtiva da liberdade sendo que a informação confiável é uma de suas condições essenciais, sendo por isso atacada pelas formas de desinformação, em especial pelo

negacionismo. Por tudo isso, o autor menciona ser o engajamento no combate à desinformação uma defesa da liberdade individual e social.

No que diz respeito ao **Capítulo 4**, cujo título é "**As quatro causas da desinformação: uma perspectiva transdisciplinar da desinformação a partir de seus quatro diferentes componentes explicativos**", tem a autoria de **Claudio Paixão Anastácio de Paula** e apoia-se nas discussões sobre a desinformação que têm sido capturadas por armadilhas semânticas e pragmáticas e não têm conseguido alcançar a ontologia deste fenômeno e restringido as análises resultantes a variáveis procedimentais, contextuais e sociais que, na opinião do autor, são apenas um componente da compreensão do problema. Há menção para campos que outrora foram considerados parte essencial do substrato interdisciplinar da Ciência da Informação, com a afirmação de que é possível buscar desenvolvimentos técnicos, conceituais e principalmente experimentais para estruturar representações mais acuradas para os substratos e funções da desinformação a partir de quatro diferentes caminhos (ou componentes) explicativos. Ao final, apresenta proposta que resgata territórios conceituais fundadores e novos campos aperfeiçoados *pari passu* à própria CI, buscando demonstrar que mediante o modelo de compreensão Aristotélico, é possível descrever o fenômeno da desinformação a partir da identificação de suas causas eficientes (elementos deflagradores), causas materiais (substratos), causas formais (sua estrutura organizadora representada a partir de modelos) e de sua causa final (função) considerando que esta análise causal fornece uma estrutura para a compreensão do fenômeno e possa indicar estratégias para o seu combate.

Por sua vez, o **Capítulo 5**, "**Dinâmicas da desinformação e a integridade da informação**", cujo autor é **Carlos Alberto Ávila Araújo**, busca mostrar, a partir do olhar sobre o cenário informacional contemporâneo que tem sido marcado por novas condições de produção, circulação e utilização

de informações, a grande importância da ampla circulação de conteúdos parcial ou totalmente falsos e enganosos. O autor aponta que análises têm sido realizadas visando identificar suas causas, características e consequências, bem como seus elementos constituintes, modos de manifestação e interfaces com os diferentes âmbitos da vida humana (político, econômico, social, sanitário etc.), gerando um grande acúmulo de conhecimento científico nos últimos anos. No entanto, ressalta que um desafio que tem se apresentado recentemente é, justamente, sistematizar tais conhecimentos. Essa contribuição tem como objetivo, portanto, sistematizar tais análises a partir de uma perspectiva específica: identificar as dinâmicas de tais fenômenos a partir de suas causalidades funcionais. Como resultado considera ser possível evidenciar as diferentes dinâmicas da desinformação na vida humana e social: disfunções das instituições de produção de conhecimento, ações intencionais de produção de desinformação, a construção social cotidiana por meio de valorização de determinados conteúdos, e o posicionamento dos sujeitos frente às estratégias de desinformação.

O **Capítulo 6**, de autoria de **Marco Schneider** e **Maria Giovanna Guedes Farias**, cujo título é "**Escuta social, combate à desinformação e promoção dos direitos difusos: proposição de abordagem metodológica *in loco***" procura abordar e descrever reflexões acerca da proposição de uma metodologia que poderá ser aplicada em contextos fragilizados socialmente e informacionalmente, nos quais há a falta de compreensão e aplicabilidade dos direitos difusos, que, por vezes, são utilizados para manipulação ideológica ao considerarmos o intenso panorama de desinformação vivenciado no nosso país. Os autores destacam que a escuta social, nesta perspectiva, permeia camadas da sociedade que sofrem de carência profunda de informações fidedignas e conscientizadoras, bem como da promoção do protagonismo social, enriquecendo com exemplificações de contextos e populações fragilizadas sócio-informacionalmente como sendo as comunidades urbanas, indígenas, quilombolas,

assim como sujeitos de direitos das políticas sociais voltadas ao combate ao racismo e promoção da igualdade racial, pessoas com deficiência, população em situação de rua, mulheres etc. Desse modo, trazem proposta original e interessante para descrever as características teóricas e práticas de elementos integrantes da metodologia, baseada em um modelo já existente, o qual comporta em seu cerne, a compreensão de que em um contexto de fragilidade social, deve ocorrer uma atuação de promoção dos direitos difusos em uma perspectiva consciente, a partir de uma abordagem ético-informacional e não proselitista, ou seja, não arbitrária, manipuladora, unilateral ou forçosa. Ao final, destacam que o proselitismo pode ser utilizado justamente como princípio de oposição ao trabalho/pesquisa para e com os sujeitos, ele torna o outro um objeto estanque, indo de encontro às concepções de escuta social, de mediação da informação e também de combate à desinformação.

O Capítulo 7, intitulado "**A intencionalidade na avaliação de fontes de (des)informação: um estudo a partir da competência em informação**" que traz como autora **Marianna Zattar**, pode ser considerado como sendo o reflexo dos estudos e interações empreendidas nas dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, fundamentando-se em rico e pertinente referencial teórico-conceitual sobre fontes de informação e desinformação científica, além de apresentar também o aporte do referencial operacional sobre os critérios de avaliação de fontes de informação de modo a problematizar a relação entre o suporte e o conteúdo. Para tanto, é desenvolvida análise que tem o intuito de contribuir e servir de orientação às conexões entre os níveis teóricos e práticos, de modo que seja possível analisar os critérios de avaliação de fontes de informação em práticas informacionais de natureza científica.

Ressalta-se que os capítulos descritos trazem à tona pesquisas e estudos de grande importância para a melhor compreensão do tema "Desinformação" na sociedade contemporânea, trazendo consigo grandes impactos de ordem

cultural, política, educacional e social, o que demonstra a necessidade de melhor conscientização sobre os seus perigos e o seu combate lançando mão de olhares envolvendo a Ciência da Informação e a Comunicação, que é a grande contribuição desta coletânea porque vem ajudar como identificá-la, utilizando redes sociais e outras plataformas de comunicação, além de levar à reflexão da importância da promoção de ações educativas e estratégicas que abordem a desinformação de forma contextualizada, considerando problemáticas e temas relevantes para cada grupo e contexto social envolvido.

Recomenda-se a leitura desses textos, ora apresentados, com a convicção de que servirão àqueles interessados em estabelecer uma sociedade em que a informação possa ser usada de forma inteligente, ética e legal a fim de que o conhecimento novo possa ser aplicado à realidade em que vivemos trazendo sempre o benefício em prol do coletivo.

Como citar

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Prefácio. *In*: FARIAS, Gabriela Belmont de; BRISOLA, Anna Cristina; DE LUCCA, Djuli Machado; MATOS, José Claudio (org.). **Ciência da Informação e a desinformação**. Brasília: Editora Ibict, 2026. p. 7-16. DOI: https://doi.org/10.22477/9788570132178.pref